

200

AS ORIGENS DO DOUTORADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS E AS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO – UM ENCONTRO COM ALGUNS FUNDADORES

Apresentação

Boa tarde a todos. Hoje à tarde vamos ter um seminário sobre as origens do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Sociais.¹ Como todo Programa acadêmico que vale a pena, é preciso reavaliar, de vez em quando, onde estamos, e para saber onde estamos, é preciso saber de onde que viemos, porque também precisamos pensar no futuro a partir do presente e do passado.

Do mesmo modo que meus três colegas aqui presentes, há dezessete, vinte anos atrás, estavam pensando no formato do doutorado que temos hoje, dentro de uma conjuntura de idéias internacional, mundial e dentro da história do Brasil. Hoje, temos outra conjuntura, outro momento na história das idéias e do Brasil e temos que pensar para frente.

¹ Debate realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/UNICAMP em 17 de abril de 2002.

Os colegas são: PROFESSORA *MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA*, que trabalhou junto comigo no Conjunto de Ciência Política quando eu cheguei aqui, e agora é professora titular na USP; PROFESSOR JUAREZ BRANDÃO LOPES, com quem eu aprendi muita coisa, estávamos também no mesmo departamento e agora ele está trabalhando no NEAD do Ministério de Reforma Agrária, em Brasília. E, finalmente, PROFESSOR ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA, que era do Departamento de Antropologia e atuava na área de Itinerários no Doutorado. Roberto é professor emérito daqui e agora trabalha na Universidade de Brasília, no CEPPAC – centro de estudos da América Latina e do Caribe, um centro interdisciplinar. Maria Hermínia participava na área de Estado quando atuava no doutorado e o Juarez na área de Trabalho e Sindicalismo.

Tom Dwyer
Coordenador do Doutorado em Ciências Sociais
IFCH/UNICAMP

JUAREZ BRANDÃO LOPES
MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA
ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA
TOM DWYER

Maria Hermínia: Boa tarde. É um prazer estar aqui. A UNICAMP é a minha casa, a minha primeira casa acadêmica, o lugar onde comecei minha carreira, num momento em que nem todas as portas da academia estavam abertas para quem se envolvia com problemas políticos na ditadura, e a UNICAMP, naquele momento, era uma espécie de espaço de liberdade muito importante para que pudéssemos continuar a trabalhar.

Eu venho aqui sempre com muito prazer, além disso, quase tudo o que sei sobre universidade, sobre política acadêmica, aprendi aqui, porque aqui também era um espaço onde se podia inventar coisas, fazer coisas novas e minha experiência, a parte mais significativa da minha experiência, que depois eu levei para a USP, neste terreno foi feita aqui.

O Tom me pediu... me mandou uma lista de perguntas, como uma das pessoas que esteve envolvida na origem do doutorado e vou contar para vocês, um pouco, qual era o contexto, o que estávamos pensando naquele momento, e o que acho que mudou de então para cá. Enfim, o que me parece ser alguns dos dilemas que vocês tenham que enfrentar – alunos e professores.

O doutorado é de 1985. No país, quando ele começou a ser preparado, uns dois ou três anos antes, estávamos caminhando na direção da saída do regime autoritário e da redemocratização. Já estava claro que, em algum momento, aquele pesadelo ia terminar; estava claro também que haviam temas importantes colocados no plano da política, no plano das alterações sociais, que haviam ocorrido sob o autoritarismo, e era necessário que fossem incorporados à agenda acadêmica, que se transformassem em problemas importantes de pesquisa, de estudo, de reflexão.

O doutorado devia recolher esses temas. Era uma proposta dos que estiveram envolvidos neste processo, de que ele fosse uma oportunidade para que se desenhasse academicamente uma agenda nova de pesquisa suscitada pelas transformações em curso.

Qual era o contexto institucional, intelectual e acadêmico interno à UNICAMP? Naquele momento, ainda que existisse Sociologia, Ciência Política e Antropologia, desde há muito tempo, as fronteiras entre as disciplinas não eram tão nítidas e tão claras como são hoje. Havia mais possibilidade de passagem de um território para outro. Fiz meu mestrado em Sociologia, comecei a fazer o doutorado em um programa que era de Sociologia e no meio do caminho ele virou um programa de Ciência Política, porque uma parte do grupo saiu para formar o programa de doutorado em Ciência Política, o Departamento de Ciência Política da USP, onde obtive o meu título de doutora.

Este ambiente fica claro quando pensamos que a primeira forma de associação acadêmica que criamos aqui, em 1977, não foi uma associação de Ciência Política, uma Associação de Sociologia, uma Associação de Antropologia, foi a ANPOCS, a Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Isso expressa um pou-

co o fato de que estas fronteiras eram menos rígidas e muito menos fechadas do que são hoje.

Por outro lado, dentro da própria UNICAMP, estava se fazendo também uma experiência de criar projetos interdisciplinares de pesquisa e sediá-los, de alguma maneira, num espaço interdepartamental, interinstitucional. Me refiro aos núcleos de pesquisa criados um pouco antes da criação do doutorado – eles são quase concomitantes –, onde o projeto era trazer para a agenda acadêmica temas que nos pareciam relevantes e, ao mesmo tempo, tratá-los de maneira interdisciplinar. Estive diretamente envolvida na constituição do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP –, que depois se transformou, sob a gestão da Sônia Draibe, uma das principais referências na área no Brasil.

Neste clima começou a se pensar o doutorado, começou a se formular o doutorado. Ele saiu de um processo intenso de discussão entre os professores daqui, um envolvimento de muita gente. O professor Vilmar Faria teve um papel importante na formulação do Programa, mas obviamente ele não foi o único, foi um conjunto de professores, da Sociologia, da Antropologia, etc., que foi dando forma a esse doutorado Interdisciplinar. Este era o contexto intelectual da UNICAMP.

De outra parte, os que se envolveram neste projeto tinham uma identidade, enquanto professores da UNICAMP, muito marcada, numa direção clara, de que este era um espaço da inovação. Éramos mais jovens do que somos hoje, a universidade era mais jovem. Quando entrei aqui, então no Conjunto de Ciência Política, tinha um professor que, na verdade, estava acima de nós, depois ele saiu do Conjunto e nós éramos mais ou menos todos iguais do ponto de vista da titulação, da idade, etc. A hierarquia acadêmica não era tão pesada como na USP; as relações entre as pessoas das várias áreas – Sociolo-

gia, Antropologia, etc. –, que também eram todos da mesma idade, podiam ser conflitivas como são em qualquer universidade. Na universidade, todo mundo tem idéias próprias e, portanto, todo mundo briga muito pelas suas idéias, mas era claramente um ambiente muito mais aberto, muito mais fácil, do que, por exemplo, na USP naquele momento, que era, de alguma forma, uma referência nossa.

Acho que o contexto do doutorado levava isso em consideração, uma experiência de convivência entre os colegas das várias áreas e a idéia de que aqui a gente tinha que fazer uma coisa diferente, nova, renovadora, era possível fazer isso e, talvez, em muito poucas instituições universitárias isso fosse possível.

Algumas coisas nós pensamos, outras acho que não. O Tom me mandou uma lista de perguntas para responder e, obviamente, várias coisas nós não pensamos minimamente, não estavam no nosso horizonte. Não pensamos em tipo de aluno, não pensamos para que tipo de “mercado” nós estaríamos formando as pessoas; não pensamos em inserção internacional, porque isso não era tema na época. Pensamos, sim, num programa de pós-graduação que tivesse assentado em pesquisa e que fosse capaz de abrigar uma agenda de pesquisa, desde o início, interdisciplinar, em torno de temas que nos pareciam relevantes, porque suscitados pela realidade mais imediata.

Foi neste contexto que se pensou o doutorado, com seu formato de um seminário central, que devia ser de teoria e de convergência na discussão teórica das três disciplinas; outro, que devia, na verdade, ter uma embocadura mais metodológica na discussão dos temas e a constituição das áreas, que se imaginava fossem basicamente áreas de pesquisa, a partir das quais se organizaria a docência e a formação dos pós-graduandos, dos doutorandos.

O que aconteceu, do ponto de vista acadêmico, no período seguinte? O doutorado foi formado em 85, tive uma participação, acho que razoável, na discussão anterior, tive muito pouca participação na sua efetivação concreta e dei muito pouca aula no doutorado. Logo depois, em meados de 87, fui para a USP, portanto, não conheço a história de seu desenvolvimento. Mas, do ponto de vista acadêmico, houve no país um desenvolvimento muito mais de afirmação disciplinar. As disciplinas definiram-se com mais força e definiram suas fronteiras. Elas, inclusive, foram criando identidades mais marcadas até através da criação de suas associações científicas.

Assim, o desenvolvimento, do ponto de vista acadêmico-institucional das três disciplinas que compunham o doutorado de Ciências Sociais na UNICAMP, foi no sentido de uma disciplinarização maior, de uma formação intensamente disciplinar, de um lado e, de outro, tenho a sensação de que as três disciplinas, não só no âmbito nacional, mas no âmbito internacional, mudaram um pouco suas fronteiras também. Algumas dessas mudanças já estavam em curso, mas não estávamos tão antenados nisso. Na verdade, acho que hoje a fronteira de ponta da Ciência Política foi numa direção. Para mim, ela está, claramente, seja da direção da Filosofia Política, quando se trata da teoria normativa, seja da Economia, quando se trata ou da teoria formal ou da análise mais institucional; a Antropologia foi numa outra direção e talvez uma de suas fronteiras seja a Teoria Literária e não seja nem a Sociologia ou a Política.

De alguma forma, do ponto de vista internacional e nacional, esta junção das três disciplinas se desfez, houve uma certa separação, mesmo que não seja total e nem cabal, ainda que a Antropologia e a Sociologia sejam fronteiras importantes da Ciência Política e vice-versa.

Em que situação vocês estão repensando o Doutorado? Hoje, na conversa pela manhã com os membros do Conselho do Doutorado, ficou um pouco claro que esta tensão é resultado do desenvolvimento das disciplinas e do projeto do doutorado interdisciplinar que, por outro lado, academicamente, é absolutamente legítimo e importante, porque se as disciplinas foram se autonomizando, há muitas questões que para serem bem abordadas necessitam de um enfoque interdisciplinar. A sensação que tenho aqui, dentro do doutorado, se reflete um pouco numa tensão entre este impulso que é disciplinar e outro que é a manutenção de uma experiência extremamente rica, onde não só a UNICAMP é pioneira, como é a principal depositária, porque existem poucas experiências de pós-graduações interdisciplinares e, talvez, a da UNICAMP seja a mais antiga e a mais rica; se trata um pouco de pensar como é que se equilibram estas forças dentro do doutorado.

Existem várias formas, não me cabe aqui tratar disso e nem sugerir nada para vocês, mas olhando de fora isso fica muito claro. Você olha as áreas (o doutorado está organizado em 10 áreas temáticas), algumas são claramente interdisciplinares, outras são mais bem disciplinares. Numa Universidade que é complexa, que deve ser pluralista, pessoalmente, acho que tem que caber estas duas coisas. Tem que caber aqueles que estão apostando num caminho de formação e de produção de conhecimento na interconexão entre as disciplinas e aqueles que acham que a formação deve ir num sentido mais disciplinar.

Como se resolve isso institucionalmente? É uma coisa complicada, e talvez vocês tenham que discutir bastante para amadurecer uma solução, porque toda vez que forçamos a solução numa direção e ela não abriga a diversidade, de certa maneira, se acaba arranjando um jeitinho de torcer aquela proposta e, de alguma forma, olhando as áreas,

algumas delas claramente não são áreas no sentido da concepção inicial, que é a de promover a pesquisa interdisciplinar e a convivência.

Provavelmente, o doutorado não teria conseguido chegar aonde chegou e acumular esta experiência se ele não tivesse este formato. Não estou falando nem a favor nem contra as áreas. Penso que instituições, de alguma forma, induzem comportamentos e muito provavelmente a experiência interdisciplinar foi propiciada pelo fato que o doutorado tinha este desenho. Ele estava desenhado sobre áreas e não sobre disciplinas, estava suposto que nestas áreas havia pesquisa. Talvez agora, este formato possa ser flexibilizado, redesenhado. Isso tudo é algo que compete a vocês e não a mim discutir.

O que foi importante para constituir um certo legado no passado, talvez tenha que ser olhado de outra maneira, redesenhado, revisto, num momento seguinte. A tensão fundamental na experiência de vocês é essa tensão que não foi criada aqui, que não tem a ver com os professores, só com a cabeça dos professores. Tem a ver com o fato de que o conhecimento caminha nessas duas direções e aqui dentro tem uma representação robusta de produtores de conhecimento com inclinações diferentes. Isto tem que ser respeitado, porque as duas formas são legítimas, as duas formas são interessantes. Além do que, a pesquisa interdisciplinar efetiva é uma coisa muito difícil de constituir, porque não basta você ter o mesmo tema e ter formações disciplinares distintas. Você tem que ter o mesmo tema e alguma forma de afinidade intelectual para poder trabalhar junto, um processo que às vezes dá, às vezes se consegue compor com os professores onde existe esta afinidade; às vezes as pessoas podem estar trabalhando sobre o mesmo tema e se odiarem, acharem que o que o outro faz é uma irrelevância e não dá para sentar, ainda que eles estejam discutindo e trabalhando o mesmo tema.

Uma das dificuldades de uma pós-graduação que quer – e que deve, ao meu juízo – ser pluralista, contemplar a diversidade e, ao mesmo tempo, apostar na interdisciplinaridade, é reconhecer que nem todo mundo vai ser interdisciplinar, porque não basta você ter o interesse pelo mesmo assunto. Você tem que ter mais do que isso. Você tem que ter uma forma comum sobre como abordá-lo para que as pessoas possam trabalhar juntas, tem que ter afinidade. Isso é uma relação entre pessoas e não entre categorias – o sociólogo, o cientista político, o antropólogo. É o sociólogo X com a cientista política Y com outro Z, que conseguem ou não ter uma interlocução produtiva. Este é um tema que tem ser abordado com muito cuidado e não tem solução fácil.

O segundo problema que vejo, e sugeriria que talvez seja um tema importante para a agenda de vocês, é, neste modelo, a relação do mestrado com o doutorado. Quando nosso doutorado foi feito isso não era problema, porque eram duas coisas diferentes: o mestrado – ao meu juízo, até incorretamente, porque não corresponde a um modelo razoável em lugar nenhum – era uma formação longa, que tinha um trabalho final auto-contido. A pessoa fazia uma tese e, em alguns casos, sua tese de mestrado era melhor do que aquela que ela conseguia fazer no doutorado – virava livro, era premiada, etc.

Isso mudou. A concepção do mestrado hoje é diferente. Nos programas são disciplinares é possível pensar essa formação como contínua, onde o mestrado é uma etapa da formação, onde se faz os cursos, um trabalho final, uma primeira experiência de pesquisa. Quando se têm mestrados disciplinares e um doutorado interdisciplinar esta relação muda.

Vocês têm que pensar o que é o mestrado, o que devem ser os mestrados disciplinares numa pós-graduação que tem um doutorado

interdisciplinar. Ao meu juízo, estas são as duas questões importantes do Programa da UNICAMP, programa do qual me orgulho muito de ter ajudado, ainda que minimamente, a por de pé, e tenho certeza que o mesmo espírito que presidiu a sua constituição, que era a ousadia, a vontade de inovar, a vontade de mudar coisas, de fazer coisas diferentes, vai presidir as mudanças que vocês vão fazer agora. Essa também é uma tradição do IFCH, e que vai ajudá-los muito a fazer esta transição e adaptação necessárias do programa de vocês. Obrigada.

Tom Dwyer: Muito obrigado, Maria Hermínia, pelo relato fascinante e ao mesmo tempo profundo. Tem muito conteúdo. Passo para o professor Juarez.

Juarez Brandão: Minha experiência foi bastante diferente dos dois: a da Maria Hermínia, que vocês ouviram, e a do professor Roberto Cardoso, que ouvirão depois.

Estive no mesmo período aqui. Não é nisso que é diferente. Participei do início do doutorado, e depois de alguns anos dele ter se iniciado, em duas de suas características principais: numa das áreas, e tenho bastante a dizer sobre esta área, inclusive colocar a minha experiência, que foi sempre no sentido de estar apreciando esta experiência positivamente, apesar que vocês vão ver que a realidade do que eu estava vivendo não era tão somente o que o doutorado estava se propondo a fazer.

Minha experiência no seminário... acho que passei uns quatro ou cinco anos dando o seminário interdisciplinar, sempre com outros professores. Tinha dois professores a cargo do seminário. Uma parte dele era eu e o Roberto Cardoso, duas ou três vezes junto com Vilmar

Faria. E não me lembro, neste momento, se alguma vez com algum outro.

Minha opinião sobre esta experiência no Seminário foi altamente positiva. É preciso colocar esta experiência. Também vou colocar o que acho, não o que vocês devem fazer os professores e os alunos do doutorado em termos de mudança, mas como vocês devem encarar esta mudança. Acho que é um problema, como Maria Hermínia salientou, concordo inteiramente com ela, para os próprios membros do doutorado, docentes e discentes resolverem. O que vou salientar são apenas alguns cuidados.

De manhã, discuti mais longamente minha experiência anterior, anterior a entrar na UNICAMP. Eu entrei por convite da Maria Hermínia, ela me trouxe para cá no dia seguinte à minha aposentadoria na USP. A culpada é você (risos). Me senti até um pouco traído, porque uns dois anos depois ela saiu, era como se tivesse me trazido e depois abandonado!

E fiquei desde 1983, quer dizer, anterior ao doutorado, até 1995. Uma experiência longa, que teve estes dois aspectos. Pouca coisa a mais eu fiz além desta participação em disciplinas de uma das áreas e a minha participação no Seminário.

Eu também voltei, depois de muitos anos, a lecionar na graduação, durante um ano, eu acho, lecionei na graduação. E aí foi uma experiência não tão positiva. Eu gostava muito de graduação quando eu lecionava anos atrás, mas ou a graduação mudou ou eu mudei e a experiência não foi muito positiva.

O que me lembro com bastante saudade e prazer é da experiência, antes de tudo, no Seminário, e quero transmitir isso para vocês, porque talvez ao avaliar criticamente o Seminário, certamente deve ter

mudado durante todos estes anos. Mas o que ele pode ser? Acho que deve ser levado bem a sério. E também uma experiência gostosa, mas aí um pouquinho fora das regras, na área de Trabalho e Sindicalismo.

O que eu queria falar de minha experiência anterior, falando hoje de manhã, eu exagerei. Eu nunca me senti o que sou realmente – um sociólogo. Quando falava de experiências passadas, de pesquisas, me sentia como sujeito a um processo de desprofissionalização. E, num sentido, é basicamente isto, porque eu lecionei muito para não sociólogo e percorri muitas faculdades. Vocês devem achar que eu sou um desajustado, mudei de uma faculdade para outra continuamente. E só bem mais adiante na minha carreira fui lecionar para alunos de mestrado e doutorado de Sociologia, primeiro, na USP.

Esta experiência de desprofissionalização, não tenho dúvida, não falei isso hoje de manhã, mas acho que foi um exagero da exposição, me sinto basicamente um sociólogo, um sociólogo que teve experiências estranhas, mas meu modo de pensar é de sociólogo (risos). Lecionar para arquiteto, garanto para vocês, é estranho e muito gostoso, embora outras pessoas não achassem. Mas eu achei magnífica aquela história de lecionar sociologia... até hoje com os arquitetos... passei doze anos lecionando para eles.

Uma das grandes perdas da nossa evolução, tanto na USP quanto aqui, é que perdemos contato com os economistas, com os cientistas políticos... e como o historiador, antes de mais nada, o historiador e o antropólogo olham? Pode ser que essas disciplinas tenham mudado muito, eu certamente mudei. Mas não acredito que deixe de ser importante estes contatos.

Historiador e antropólogo, mesmo que depois não se reflita no que se escreva, mas o modo como você pensou a coisa, a noção de

historicidade que o historiador dá, de que as coisas não foram sempre assim. Por exemplo, uma tese que fui examinar olhava o problema de identidade. E dizia, até o historiador quando, às vezes, fala da historicidade de ser brasileiro, no extremo sul, em Uruguaiana, por exemplo, ele está cometendo um anacronismo, ele estava falando de... 1700, 1800, e falando de brasileiros?! Era falar de brasileiro como de argentinos. Ele podia ser uma coisa e outra. Esta noção, ao investigar certas coisas, leva você a olhar de formas diferentes.

Este valor da interdisciplinaridade... estou colocando com todo peso para vocês descontarem da minha opinião final, do que vocês devem fazer... é uma coisa muito preciosa. Talvez eu dê a idéia de que só há lugar para a interdisciplinaridade e qualquer que seja o seu problema não há lugar para você ficar direitinho na sua disciplina. Há, também há. Mas em todas as disciplinas, numas mais, noutras menos, há uma série de perguntas... há uma série de perguntas sempre, cujas respostas não estão só dentro da disciplina. Isso exige o diálogo, exige, pelo menos, o diálogo com os outros.

Há outra coisa... às vezes, até a teoria pode ser mudada, às vezes, muitas vezes, até as teorias podem ser mudadas quando você está em interação muito intensa, dependendo de seu problema.

Muito bem! Qual foi minha experiência no doutorado? Eu estava aqui no começo do doutorado, mas eu nem percebi o que estava sendo pensado. Quando me chamaram, ele estava pronto. E devem ter me chamado, eu pelo menos tenho um pouco essa visão, porque achavam que eu tinha algo a contribuir para a interdisciplinaridade, mas eu não participei do pensar no doutorado. O que vou contar para vocês é um pouco não de quem participou da criação, mas de quem sofreu ou

passou pela experiência de ter aquilo já funcionando. Quais eram seus pontos positivos?

Certamente, depois de eu ter falado desta atitude positiva sobre interdisciplinaridade, que sempre há respostas que vocês têm de melhorar, há perguntas que se terá as respostas através de um diálogo intenso e leitura e, neste diálogo, nesta interação, estou colocando leituras também, com disciplinas diferentes.

Para esta experiência foi decisiva a experiência do Seminário, porque ele tinha esta característica: era organizado por dois professores com experiências disciplinares, geralmente, muito distintas, como eu e o Roberto Cardoso. No caso, o Roberto tinha pensado todo o Seminário e eu tinha que interagir. Isso significava experiências novas que me ajudavam a pensar coisas que eu já tinha pensado. Só vejo este Seminário como positivo, e vejo sua qualidade como positiva, mas depende de muito trabalho. Realmente, os participantes têm que ter este trabalho: primeiro, eles têm que assistir o dobro das aulas – um tem que assistir a aula do outro –, tem que participar das discussões, do Seminário mesmo, dos temas do outro. Isso é um esforço não só para você se preparar, mas para você pensar. É extenuante!

O Seminário, na minha época, não sei se é ainda assim, era um dia inteiro a cada quinze dias. Você tinha quatro horas em que se falava e quatro horas em que se dialogava com os alunos. Era mais ou menos isso, era de manhã e à tarde. Isso é uma experiência! Se você participa seriamente, é uma experiência bastante cansativa, porque nada mais cansativo do que se colocar no lugar do outro, que teve uma experiência diferente, uma formação diferente, etc. Se você não faz isso realmente, não aproveita justamente destas diferenças.

Esta era a característica fundamental do Seminário daquela época e imagino que deva ser preservado e renovado, às vezes, não para ir para frente, mas talvez renovado para recuperar algumas das características do início. Isso é fácil fazer com dez, doze alunos. Se você põe quinze, vinte, trinta alunos, você não faz isso. Tem que ter condições para que isso seja feito. E, talvez... o que significa simplificar de um jeito, um preparo, mas de dificultar o participar... talvez precise mais do que dois professores, três ou quatro professores. Se é tão cansativo tentar entender o outro, não colocar nos termos do que nós aprendemos, mas tentar visualizar... é preciso muita leitura, muita atenção e densidade.

Com estas qualidades, diria que este Seminário deveria permanecer ou tentar melhorar, ver as características necessárias para melhorar.

Minha experiência no que diz respeito às áreas: aí vocês vão ver que eu não estava nos moldes. Me inscrevi na área Trabalho e Sindicalismo, porque era uma área em que eu me sentia à vontade. O que eu dava? Minhas preocupações de pesquisa só podiam estar dentro de uma rubrica como esta. Mas o que eu fazia? Primeiro, colocava na área cursos que abriam também para outros institutos e, no começo, acho que eu nem falava isso, alguns professores e meus colegas acabaram, eu me lembro, usando isso como crítica ao que eu estava fazendo. Como eu percebia que isso era meio difícil, às vezes, para conciliar horário, cheguei a fazer o seguinte: eu abria duas ou três siglas, eu não contava como aula em dobro, mas eu abria como uma disciplina no doutorado de Ciências Sociais e como uma disciplina no mestrado, por exemplo. Frequentemente, fazia em Geociências, que tem um departamento de política científica e tecnológica. Neste departa-

mento tinha alunos interessados em analisar o trabalho e suas mudanças. Eu abria na Geociências e me dava muito bem com o pessoal de lá, eles tinham um horário e eu fazia os horários coincidirem, somava os dois cursos. Frequentemente, eu tinha mais alunos de lá do que daqui. Conforme esta desproporção, eu dava as aulas fisicamente lá ou fisicamente aqui. Isso era com o conhecimento de todos, era oficial, eu colocava tudo isso desta forma mesmo.

Mas o que significava realmente? Eu estava tendo alunos da área do doutorado junto com alunos de outros doutorados ou de outros mestrados. A experiência do ponto de vista da interdisciplinaridade era muito mais forte, porque eu tinha alunos físicos, alunos do Departamento de Engenharia de Produção da Politécnica, alunos que estavam naquele grupo de Desenvolvimento Tecnológico e Científico do IG, pois a ênfase do curso estava também nas questões de mudança tecnológica.

Eu tinha uma variedade de informações disciplinares muito maior do que era de se esperar e estava cumprindo os objetivos da área... também estava cumprindo os objetivos e pensando esta problemática. Para dar um exemplo: as mudanças – e isso vai me levar a fazer uma observação mais adiante – que estão ocorrendo no trabalho; hoje, falar isso é corriqueiro... são mais rápidas do que em qualquer outra época equivalente de dez, quinze anos, seja na história do Brasil, seja no mundo. No final dos anos 80, início dos anos 90, período em que eu estava dando estes cursos, o pessoal no Brasil não estava tão consciente disso. Alguns estavam, mas eram muito menos conscientes do grau de mudança que estava ocorrendo.

Em um certo momento, devido a esta experiência – e não era experiência só aqui, era participação em Seminários na USP também,

eu continuava participando lá – percebi que o engenheiro de produção tinha muito a contribuir. Ele descrevia o processo de trabalho com uma minúcia que continha respostas que não estávamos conscientes, respondiam a algumas das perguntas que colocávamos. Depois, tive gente de psicologia interessada em outros aspectos do trabalho.

A riqueza da interdisciplinaridade foi especialmente forte nestes cursos que dei, uns oito ou nove cursos, durante aqueles anos na área de Trabalho e Sindicalismo.

Esta é minha experiência no doutorado e perguntaria “vamos mudar este doutorado”? Obviamente, um doutorado que entra cinco, seis pessoas por ano e muda para trinta e poucas pessoas, tem duzentos alunos atualmente, não pode ter o mesmo tipo de estratégias para obter a interdisciplinaridade. Depois de um dia inteiro de conversa, manter a interdisciplinaridade... estou mais convicto do que nunca, mas também fiquei consciente de que, apesar da minha experiência ter feito com que eu valorizasse a interdisciplinaridade nos anos 70, nos anos 60, há momentos de mudanças de todas as disciplinas em que a interdisciplinaridade se torna muito mais presente, muito mais importante, principalmente agora. Minha ênfase é: tentemos mudar as instituições, o modo como este doutorado está regulamentado, é claro que a experiência de vocês foi muito mais rica nestes anos recentes, dos professores e dos alunos... vamos manter claro o que é meio e o que é fim, e um dos fins agora é manter a interdisciplinaridade, fazer com que ela funcione num contexto em que talvez o modo de organização do curso precise de mudanças, mas não vamos jogar o bebê junto com a água do banho. Água do banho para mim é o modo de organização, o modo de disciplinar o doutorado. Quem faz a seleção, por exemplo? No diálogo, hoje pela manhã, houve uma coisa muito falada: será que

a área precisa que fazer a seleção? Será que não estaríamos confundindo as coisas, ou seja, que isso não é essencial para as tarefas intelectuais que têm que ser feitas?

Outra coisa: tamanho parece que não está funcionando tão bem. A seleção, portanto, precisaria ser mudada, e precisa ser pensada, vocês têm que pensar isso. Talvez... que se criem novas áreas, não só mini-áreas dentro das áreas.

Não falei muito sobre a organização das áreas através de linhas de pesquisa. As pessoas vêm com sua formação, desde a graduação ou do mestrado, disciplinar. O modo como ela se organiza aqui é o modo através das linhas de pesquisa, organizar áreas. Isso supõe que no momento em que estas linhas de pesquisa não se renovam na mesma área, a área pode ter fim, pode-se organizar uma nova área. Para mim, é muito fácil, também, aceitar esta idéia, nunca permaneci mais de quinze anos numa mesma área de pesquisa... eu canso logo, quinze anos... começo a procurar, achar chato a história, vou procurar outra coisa que responda, como disse Maria Hermínia, isso tem que apaixonar e você tem que se sentir bastante a fim, com bastante afinidade com os outros que estão apaixonados, senão duas pessoas apaixonadas mas sem atividades acaba em briga.

Estou muito consciente de que a interdisciplinaridade é a coisa mais importante hoje, num momento de grande mudança nas Ciências Sociais, em que as próprias disciplinas, sem esforço nenhum de interdisciplinaridade, estão encontrando nas suas fronteiras outras disciplinas e acabam transformando os problemas de fronteira. Obviamente, tudo isso que estou falando não se deve levar o exagero e dizer que não há lugar para doutorados disciplinares. Há lugar. O problema é que este é um dos poucos doutorados interdisciplinares. Há lugar para

as duas coisas como Maria Hermínia também falou, mas este é um dos poucos no país, tem um patrimônio, isso não deve ser jogado fora.

Tom Dwyer: Obrigado Juarez pela defesa apaixonada da interdisciplinaridade. Trabalhei com Juarez no começo da minha carreira aqui, e foi muito interessante, a gente compartilhava muitas idéias a respeito do futuro do mundo do trabalho, percebendo os fenômenos emergentes, com mais uma meia dúzia de gatos pingados. Agora todo mundo está falando das coisas que falávamos há quinze anos atrás.

Juarez: Começamos por volta de 1985.

Tom: Foi em 1985 que trabalhamos juntos pela primeira vez. Passo a palavra ao Professor Roberto.

Roberto Cardoso de Oliveira: Esta mesa já mostra um pouco o feitiço de interdisciplinaridade da temática que estamos discutindo. Viemos aqui três representantes, um da Ciência Política, um que não admitia até hoje que era sociólogo, mas que acabou admitindo, o Juarez –devemos isso a essa reunião: ele assumir o chapéu de sociólogo – e eu, como antropólogo. O interessante é que na discussão matinal vimos que todos nós, de alguma forma, já éramos influenciados pela interdisciplinaridade na nossa própria formação. Todos falaram, e posso mencionar, pelo menos a mim: sou licenciado em Filosofia nos idos de 1950, na primeira metade de 50, pela USP, fiz o doutorado em Sociologia, o pós-doutorado em Relações Sociais no exterior e a minha carreira profissional se fez em Antropologia. Então se vê que é uma bagunça, que é uma geléia real.

A idéia da interdisciplinaridade, pelo menos no meu caso, sempre esteve presente, mas só tive a chance de trabalhar com esta problemática, sobretudo no campo do ensino, no nível de pós-graduação, aqui na UNICAMP, em 1985. Imagino que 1985 não está tão longe, pelo menos para mim, porque comecei, digamos, organizando a pós-graduação em Antropologia, em 1960, no Museu Nacional. Depois, fui trabalhar na UnB em 1972, organizando também a pós-graduação em Antropologia, tudo em Antropologia. Quando fui convidado, em 1985, a vir para cá, e me contaram “vai sair o doutorado interdisciplinar em Antropologia”, achei que era um grande desafio. Gostei tanto da experiência que, hoje, trabalhando no CEPPAC, voltei para a UnB depois de me aposentar aqui, eles estão com um Programa interdisciplinar, com um feitiço diferente deste, mas, de qualquer maneira, com a idéia da interdisciplinaridade... que devemos reter como sendo importante. Não tanto a idéia das áreas, que foi uma forma de organizar aqui a pós-graduação. Sei que aqui... perguntei ao Tom se todos os alunos na platéia eram do doutorado daqui, ele disse que não, que devem ter muitos alunos da graduação também. Então é bom dar uma idéia do que são essas áreas.

Estas áreas eram uma maneira de organizarmos um doutorado interdisciplinar em torno de áreas temáticas. Em 1985 foram criadas quatro áreas temáticas com a idéia de ter quatro alunos em cada área. Então, é só multiplicar por quatro, quatro áreas x quatro alunos era o quanto nós tínhamos. Começamos com poucos alunos. Hoje vemos que são mais de duzentos ou qualquer coisa assim.

Isso porque as áreas temáticas, aqui é uma opinião muito pessoal, como estratégia de articular um curso de modo interdisciplinar, se tornaram talvez obsoletas enquanto áreas, porque é bem possível se fazer

um curso interdisciplinar sem que se especifique as áreas, sobretudo aqui, onde, quando as áreas foram imaginadas, era para ter começo, meio e fim, portanto, eram programas de pesquisa sobretudo, e como programas de pesquisa, terminava aquele programa, aquela área era desativada e se criava outra. Mas há um certo atavismo, de que se cria uma área e ela não morre, nem por inanição. Às vezes, ela pode não estar funcionando tão bem, mas não morre, ela continua, talvez, por uma compulsão.

É claro que não estou dando palpite no terreno alheio, dizer que deve acabar a área, isso é o pessoal daqui que vai resolver, mas quero mostrar que há outras possibilidades. No caso de Brasília, agora, fizemos sem áreas, é interdisciplinar e está funcionando. É muito mais novo do que o de vocês, mas tem mostrado uma grande vitalidade.

O mais interessante para o aluno que busca um curso interdisciplinar é quando ele não encontra naqueles cursos disciplinares tradicionais – Antropologia, Sociologia, Ciência Política, etc. – espaço para uma tese determinada. Vou dar um exemplo: tive uma aluna que fez doutorado comigo na UNICAMP, cujo tema era mais ou menos isso: o Summer Institute of Linguistics, um instituto norte-americano, no Brasil e o tema central era a questão da tradução. Essa moça era lingüista, ela é lingüista até hoje, trabalha no Museu Goeldi. Depois do doutorado, voltou para o Goeldi e é lingüista lá. Mas a área de lingüística aqui, o doutorado de Lingüística a rejeitou. Eu falei “isso não é linguística”, você vem com uma tese sobre o Summer Institute of Linguistics, estudar como ele funciona no Brasil, na tradução. Então, ela me procurou e disse “olha, eu soube que há um doutorado interdisciplinar, quem sabe posso fazer a pesquisa aqui”. Ela falou sobre o tema, achei o tema magnífico, porque ela articulou história, trabalhou

com a história do Summer no Brasil e no México, os dois países onde esta instituição funciona. Trabalhou como etnóloga, porque ela foi ver com quem estes grupos... estes grupos de missionários, são lingüistas missionários que trabalhavam... ela teve que se enfronhar um pouco na parte de Etnologia Indígena no Brasil e continuou sendo lingüista, que é uma outra coisa importante. A pessoa quando muda, vai para a área interdisciplinar, não perde sua vinculação disciplinar básica, que ela deve manter, porque é isso que a torna uma boa pesquisadora, um bom pesquisador.

Essa moça trabalhava enquanto lingüista, a parte principal da tese é sobre a tradução. Eu até brincava com ela dizendo que o título da tese deveria ser “Da tradução”, porque ela mostra como os missionários do Summer atuam e interferem na forma de tradução para as línguas indígenas, como eles traduzem a bíblia. A idéia deste instituto é traduzir a bíblia em várias línguas indígenas, mas esta tradução não é absolutamente livre. Ela mostra, por uma análise da pragmática lingüística, e aí ela é totalmente lingüista, como eles obedecem estas orientações e como é feita a orientação através de conselheiros, é mais do que conselheiros, eles determinam o que pode ser feito e estabelecem o que pode ser feito e os parâmetros de como a tradução é feita. Portanto, são guiados por uma interpretação da bíblia, o que é extremamente interessante. Ela entraria, se ela fosse hoje aluna minha, na área da hermenêutica também, um estudo da própria hermenêutica, a idéia também de interpretação.

Só para dar um pouco a idéia para vocês das teses que eu orientei e me lembrei agora de algumas: o Direito como horizonte disciplinar. O que era? Foi uma moça que fez Direito, ela era advogada, uma Argentina, que veio trabalhar como a disciplina Direito e como a pro-

fissão do Direito... como é feito no Brasil, estudando na Faculdade Direito, acho que da Católica de Campinas, comparado com o Largo São Francisco em São Paulo. Isso é um tema e onde ela vai fazer? Conosco, cabia.

Uma outra moça, interessada em Oswald de Andrade, quis trabalhar com sua biografia, os cenários do Oswald de Andrade. Deu uma tese interessantíssima, porque, primeiro, ela começa imaginando o enterro do Oswald de Andrade e coloca todo mundo em torno do caixão do Oswald, falando do Oswald. Evidentemente, isso era o imaginário dela, porque não houve este evento, mas as opiniões sobre o Oswald estavam todas em jornais. Ela articulou as opiniões, criou o cenário e fez uma etnografia imaginária, mas que encaminha a questão de como o Oswald de Andrade era sentido, representado, na comunidade de seus pares e junto ao seu público maior.

Um outro tema, esse um tema simples, da Antropologia e suas vicissitudes na Argentina. Não preciso dizer que era um aluno argentino, que hoje casou com uma brasileira e é professor em Minas Gerais.

E um outro também, que eu me lembrei agora, “O Serviço Social e suas tradições inglesas e norte-americanas”. Essa moça fez... aliás demorou muito esta tese, só no ano passado que terminou, ela era enfermeira e foi presidente da Associação Brasileira de Serviço Social e da Associação Latino-Americana. Ela tinha uma grande experiência em Serviço Social e queria fazer antropologia, queria fazer Ciências Sociais. Esta moça fez uma tese extraordinariamente interessante, 400 páginas, em que ela mostra como se conforma o Serviço Social.

Isso tudo foi feito dentro de uma das áreas, essa área que, aliás, coube a mim criar quando vim para cá, porque cada um de nós criava

estas áreas, que chamava Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber.

O alunado deve tanto olhar os doutorados tradicionais, quer dizer, disciplinares, como uma possibilidade, mas também olhando uma outra possibilidade que é essa do doutorado interdisciplinar. Embora ele esteja aqui ainda organizado em áreas, e talvez continue a ser organizado em áreas, mas o importante realmente é este aspecto da articulação entre disciplinas, que é uma articulação tensa, há esta tensão. Quando se fala em tensão, pensamos em um pensamento crítico, que há um diálogo entre as disciplinas, que ocorre também em outros doutorados... pode haver, mas no doutorado, que nós estamos tratando nesta universidade, isto é praticamente obrigatório, faz parte.

E aqui entramos um pouco no Seminário que já foi mencionado. Os alunos de graduação podem não estar sabendo muito bem o que era este seminário. A idéia do Seminário era resolver um grande desafio: estávamos recebendo alunos de várias origens disciplinares. Então, como criarmos um idioma comum para que nos entendêssemos? O Seminário foi criado exatamente com este sentido... para que professores de diferentes disciplinas falassem, apresentassem suas disciplinas, discutissem os paradigmas conforme cada uma dessas disciplinas apresentadas. Isso era feito de manhã, pelo menos nas primeiras apresentações deste curso quando eu coordenei, e de tarde o coordenador ficava sozinho trabalhando com os alunos.

É interessante, hoje mesmo estava lembrando, que quando inauguramos este Seminário, todos os professores do programa ou quase todos também assistiam as aulas.

O Seminário, mesmo se for um curso não constituído de áreas temáticas, de busca de um idioma comum também pode continuar. No

CEPPAC, onde trabalho agora, um centro de Pós-Graduação sobre a América Latina e o Caribe, temos um seminário que mantemos para justificar um pouco esta idéia da linguagem em comum. Logo no começo, lancei a idéia de que as áreas não são fundamentais para fazer funcionar um doutorado interdisciplinar. Nesta experiência recente, que estou tendo há cinco anos na UnB, esse Seminário funciona e está tendo uma aceitação muito grande dos alunos, porque acho que a melhor checagem do funcionamento de um curso é a opinião dos alunos que fazem este curso. Quando terminamos o curso, geralmente, colocamos aos estudantes que façam sua crítica, porque em cada crítica feita, podemos ir melhorando.

No programa atual, na UnB, estamos também trabalhando o rumo. Não vou dizer que a coisa está feita, estamos num bom momento de ter um doutorado minimamente burocratizado, para permitir uma certa elasticidade e depois ir modificando e melhorando ao sabor da própria história do doutoramento entre nós.

Tom Dwyer: Agradeço ao Roberto, mais uma vez tivemos um relato fascinante. Vamos às perguntas.

DEBATE

Hector Ramirez: A primeira coisa que eu gostaria é de me colocar, do lugar de onde estou falando. Sou estudante do programa de doutorado em Ciências Sociais, 3º ano, fiz meu mestrado na UNICAMP também, na Antropologia, e sou formado em Filosofia. Tenho várias perguntas. A primeira é a idéia de uma tradição da mudança no programa de doutorado implicar uma crise. A pergunta é para o Tom: como está sendo conceituada esta crise no programa? Claro, você está reformulando o programa de doutorado, estão partindo da premissa de que há uma crise no doutorado. Então, a pergunta é: como vocês estão conceituando, qual a leitura que estão fazendo desta crise pela qual está atravessando o programa?

A segunda questão: está claro que o programa de doutorado está sendo reformulado de cima para baixo. Então, eu me pergunto: o que tem pensado vocês em relação à contribuição dos estudantes, de nós, estudantes, que ficamos sujeitos, digamos, do experimento deste programa, da criação? Nós somos parte de um programa que vocês criaram e por isso mesmo estou falando, porque acho que nós só temos o direito, senão a obrigação mesmo, de falar, de colocar as questões por um compromisso com o programa. A pergunta é, repito, como tem pensado vocês em relação à participação dos estudantes de doutorado na reformulação do programa?

Têm outras questões que dizem respeito ao Seminário, abordado nas três falas, as relações entre teoria e prática. Explico: pensei em falar teoricamente da interdisciplinaridade e a idéia que mais ou menos foi transmitida foi como as disciplinas olham de diferentes pontos de vista um objeto. Vocês têm pensado na questão da transdisciplina-

ridade, por exemplo? Que não são três disciplinas olhando de diferentes pontos de vista particulares um objeto? Então, me pergunto se não é o momento de pensar na transdisciplinaridade antes de se pensar numa interdisciplinaridade, porque há objetos que levam o pesquisador a ultrapassar suas fronteiras disciplinares.

Neste sentido, na relação entre teoria e prática, a pergunta sobre Seminário colocada pelo professor Juarez... do meu ponto de vista, é um Seminário com 30 pessoas, um Seminário de Teoria e Metodologia em Ciências Sociais, o curso básico e obrigatório do doutorado, e está um fracasso, porque a imagem que tenho deste Seminário é como um espaço de discussão, de crítica e do debate de idéias. Me pergunto, por exemplo, se a forma como está desenhado... vocês têm pensado, de alguma forma, em reduzir o número de alunos do Seminário, planejar o Seminário de forma diferente para que possa realmente haver este diálogo interdisciplinar entre os alunos?

Concordo com o professor Cardoso de Oliveira, no sentido de que deve ser feito um esforço para manter esta especificidade do doutorado, no sentido de ser um espaço aberto para diferentes enfoques e pesquisa das Ciências Sociais, como é o meu próprio caso: eu, certamente, não poderia ter tido aceso a um outro programa de doutorado que não fosse transdisciplinar, pelas características de meu objeto de estudo. Eram estas questões que eu gostaria de levantar.

Tom Dwyer: Não sou integrante da mesa, mas vou responder pontualmente as perguntas que me foram colocadas.

Hector Ramirez: Desculpe, não necessariamente... foram questões colocadas, porque tenho entendido que você é a pessoa que organizou

este evento e, além disso, gostaria de parabenizá-lo, porque acho que é um bom momento para organizar este evento e refletir sobre o doutorado. Mas as perguntas não são necessariamente para responder agora.

Tom Dwyer: Este é o primeiro momento coletivo de uma reflexão sobre o futuro do doutorado. Hoje é dia 17 de abril, o doutorado está fazendo 17 anos, temos que pensar os seus próximos 17. É basicamente este o desafio. Estamos em um momento..., ou seja, 17 anos atrás... estamos pensando no futuro. É um momento de balanço.

A idéia de crise... o doutorado tenha talvez duas crises: uma vem com a idade, a estrutura fica engessada, as pessoas ficam com comportamentos viciados, etc., ou seja, temos algumas coisas que vêm de uma ossificação de nossas estruturas. Outra, óbvio, é a crise produzida pelo êxito do doutorado em Ciências Sociais. Hoje, temos 40 alunos que entraram este ano, temos o maior número de bolsas no CNPq na área de Sociologia, com respeito a Bolsa da CAPES, tivemos o maior aumento no número dentro da UNICAMP este ano.

Tivemos o Seminário, quando o Juarez e o Roberto estavam aqui, com 12 ou 14 alunos. Hoje temos 40! É preciso colocar as cartas na mesa, olhar para trás, olhar para frente. O olhar distante que estes três colegas têm, conhecendo o programa, ajuda a repensar nós mesmos.

Este é um primeiro momento. Não tenho nenhuma agenda de discussões colocada, ou seja, dentro do Conselho de Doutorado, há três ou quatro temas a serem discutidos: as áreas, o Seminário, a relação entre o doutorado e os mestrados, por exemplo. Estas são questões que as pessoas conversam. Pessoalmente, acho que temos que ser um pouco mais ambiciosos. Fazer balanço... não tenho nenhuma dúvida

de que o balanço de nosso doutorado é altamente favorável, ou seja, um indicador vem das agências, outro vem da projeção de nossos alunos. Podemos fazer este balanço com bastante tranquilidade e segurança. A questão é como reformular, como pensar o futuro não perdendo a herança e o peso do passado.

Quanto à questão dos alunos, obviamente, todos foram convidados para este evento, foi feita até uma campanha um pouco fora do comum para ter uma presença grande dos alunos do doutorado. Lamento não ter mais alunos do doutorado aqui nesta sala, porque é o momento de todo mundo começar a entender onde estamos no momento.

Ricardo Antunes: Queria retomar uma questão que a Maria Hermínia levantou e ouvir um pouco as considerações do Juarez e do Roberto, porque penso que um dos pontos mais difíceis do nosso programa de pós-graduação, aqui no Instituto, é o fato de termos uma estrutura dual: os mestrados disciplinares e o doutorado interdisciplinar. No meu modo de entender o funcionamento deste programa... a dificuldade maior que enfrentamos hoje é exatamente a articulação mais fina e mais cuidadosa destes dois programas. Na verdade, são mais que dois, porque temos os mestrados – Antropologia, Sociologia e Política – e o doutorado em Ciências Sociais.

Não sei se na experiência de vocês, ou olhando um pouco com essa distância de “como era”... neste sentido, nossos programas de pós-graduação ainda funcionam com esta estrutura diferenciada. O enfrentamento deste problema, por várias questões, do modo de financiamento, das fontes de financiamento que nos indicam a necessidade de articular melhor, pelo próprio fluxo de nossos alunos... aqui reside

um problema de estrutura e da institucionalidade mesmo dos programas. Se conseguíssemos pensar um pouquinho... preservar o nosso doutorado como ele é, com as positivities... O Tom lembrou bem, não vivemos uma crise no nosso programa de doutorado, estamos apenas numa fase em que ele dá um outro salto.

Mas, ao mesmo tempo, temos três programas de mestrado, mesmo com as diferenças que há entre eles, razoavelmente bem estruturados, mas caminhando de modo nem sempre articulado pela estrutura. Queria que vocês refletissem e nos dessem algumas experiências... como podemos pensar em mudanças estruturais. Temos pensado muito isso aqui e o que percebemos é que ficamos refletindo, refletindo... pensa, pensa... e não conseguimos avançar, porque seria “fácil” dissolver um dos dois programas, mas perderíamos a positividade que as estruturas, digamos assim, diferenciadas têm. Há bons argumentos nos programas disciplinares dos mestrados e há bons e excelentes argumentos no doutorado interdisciplinar.

Maria Hermínia falou um pouco sobre isso como problema, se dá para pensarmos em como tentar enfrentar este problema.

Élide Rugai: Minha questão vai na mesma direção. Eu faria uma pergunta mais geral, lembrando de um traço que Maria Hermínia pintou a respeito do quadro mais geral da pós-graduação, do desenvolvimento disciplinar de cada uma das disciplinas – Política, Sociologia e Antropologia.

Minha pergunta é a partir do conhecimento que vocês têm na atuação institucional mesmo, na CAPES e no CNPq, Ministérios, etc., os programas, e estou pensando no mercado acadêmico para nossos alunos, têm um traço tradicional, eles estão cada vez mais se aprofun-

dando em especializações, conforme diz Maria Hermínia. Então, qual a possibilidade de nossos alunos, com esta formação mais ampla, interdisciplinar, se ajustarem a este mercado. Diria que, até poucos anos atrás, os alunos eram recrutados imediatamente depois do mestrado. Hoje, não está mais acontecendo isso. Então, os alunos que entraram na área de Sociologia e Política após o mestrado se aproveitavam da interdisciplinaridade já sendo profissionais na área. Hoje não sei como é isso.

Evelina Dagnino: Vou falar sobre as mesmas questões. Queria, basicamente, fazer duas observações: primeiro, sobre a visão diferenciada que a mesa tem sobre as vantagens da interdisciplinaridade e que está baseada, me parece, ao menos no caso da Maria Hermínia, num diagnóstico, numa avaliação objetiva, supostamente, das tendências contemporâneas. Queria saber, primeiro, se a Maria Hermínia reafirma esta idéia de que a disciplinariedade hoje é a tendência imperante. Tenho dificuldade de ver isso, especialmente no nível internacional. Acho que não é isso que se dá.

Queria saber do Juarez e do Roberto, que defendem a interdisciplinaridade, se reconhecem que é uma tendência do passado que está sendo superada ou se reafirmam esta interdisciplinaridade como uma tendência contemporaneamente importante.

A outra observação tem a ver com as falas do Ricardo e da Élide sobre a questão da vinculação dos Programas. Acho que, talvez, traduza bem – Ricardo, me corrija se eu estiver errada – que por trás da fala dele há um problema muito concreto: como integramos nossos alunos do mestrado ao doutorado de forma contínua, digamos assim. Gostaria de chamar a atenção, primeiro, que este é um problema de

estratégia do doutorado fundamental, quer dizer, estamos pensando nosso doutorado para resolver o problema dos nossos alunos de mestrado ou estamos pensando o doutorado em Ciências Sociais na UNICAMP como um entre vários doutorados abertos ao país inteiro. Como conciliamos este dois impulsos?

E, finalmente, lembrar, em relação à fala do Hector, que o número de nossos professores só tem decrescido ao longo dos anos. Se no momento da origem doutorado e de seu ápice, se é que podemos falar assim, contávamos com um número grande de professores, hoje esta realidade não mais existe. Chegamos a uma situação que parece até uma caricatura, temos que limitar a entrada de alunos no doutorado por causa do número de alunos na turma do Seminário, o que é, em termos de critério, uma coisa muito absurda. Então, temos que pensar também nas injunções concretas que a universidade vive hoje, a Universidade de Campinas pelo menos, e que refletem no doutorado.

Finalmente, uma coisa que não foi tocada na mesa, é pensar em que medida a problemática de nosso doutorado hoje, e a crise e a não crise que ele vive, se relaciona com injunções externas. Há um conjunto de regras nas agências financiadoras que nos penalizam e há uma tendência forte dentro do Instituto a adequar o doutorado a estas regras, simplesmente para resolver uma questão prática desta penalização. Me pergunto, enfim, se este é o caminho adequado.

Maria Hermínia: Primeiro, a questão mais de fundo, como vejo esta coisa das tendências para a disciplinaridade, entre as interdisciplinaridades, temos aqui as duas coisas. Evelina tem razão, se dei uma impressão diferente foi um problema de expressão. Acho que nos últimos 15 anos, no Brasil, a tendência foi no sentido da disciplinariza-

ção, era isso que eu queria dizer. Tudo caminhou no sentido de se fortalecer mais as identidades. Isso é um fato objetivo, ou seja, é uma avaliação, é minha percepção de como as coisas caminharam. No plano internacional acontecem as duas coisas também. Têm áreas que você refaz as fronteiras disciplinares e áreas de pesquisa e, portanto, no caso da Ciência Política, já não é mais com a Sociologia, nem com a Antropologia necessariamente. Ao mesmo tempo, algumas tendências em que é de muita especialização e, portanto, para você formar um profissional em dia com as coisas que estão acontecendo, tem que se dar uma formação disciplinar muito forte.

Estas duas coisas existem e um programa tem que optar de alguma maneira, qualquer opção, ao meu juízo, é intelectual e academicamente válida. Não vejo problema nesta direção.

Toda interdisciplinaridade tem um passo inicial, uma formação disciplinar mais ou menos sólida. Neste sentido, a alternativa que não está seriamente em questão aqui, que é fazer toda a pós-graduação em Ciências Sociais, pessoalmente, acho que academicamente não seria vantajoso. O problema é como se pensa esta conexão quando ela não é automática. Por exemplo, no programa onde estou, a menos que o professor ache que o aluno não tem condição de continuar a fazer seu doutorado, a expectativa é que ele entre com um professor e que você forma um doutor lá na ponta. Os casos onde não acontece isso, são casos em que a pessoa não deu certo, senão a passagem é quase automática. Você tem uma abertura para gente de fora, mas os que estão dentro, a menos que tenha tido um desempenho muito ruim ou que não queiram porque têm outros horizontes profissionais, a expectativa é que ele continue, que aquilo seja um momento da formação dele, como um cientista político. Quando não é assim, tem que pensar em

outra maneira para criar outra conexão e também para não ficar uma coisa tão desconectada onde se acaba, na verdade, sobrevalorizando o mestrado, porque o mestrado é o lugar onde se faz uma coisa disciplinar.

Somente sugeri que tem que pensar de alguma maneira. Não sei como funciona aqui... o aluno sai do mestrado formado aqui por vocês, faz uma boa dissertação, qual é a expectativa plausível dele? É que ele entre no doutorado?

Com relação à questão da Élide: se a formação for boa, pelo menos por enquanto, tanto faz ele ter uma formação disciplinar ou interdisciplinar, as chances dele são iguais. Se olharmos para os recrutamentos dos bons departamentos no Brasil, ainda, no fundo, aonde a pessoa fez o doutorado não faz tanta diferença, em que disciplina a pessoa teve o doutorado não faz muita diferença. Das últimas três contratações em Teoria Política, dois vieram da Filosofia, não vieram da Ciência Política. Isso ainda não pesa e, talvez, em algum momento venha pesar, mas tenho a impressão de que se prevalecer o bom senso não vai pesar. Se a formação for boa, ele terá vantagens de ter tido uma boa formação.

Por último, sobre das agências: falei isso hoje de manhã e gostaria de repetir. A CAPES tem uma política de que, na verdade, existe uma pós-graduação de seis anos em termos de financiamento, do que é financiado. Isto é uma pós-graduação de seis anos e é um processo que passa ou não pelo mestrado. Quem faz a política na hora da avaliação não é a CAPES, somos nós, são os nossos colegas. Então, o problema não é que as agências têm uma cabeça não sei o que... quem tem a cabeça assim são os nossos colegas e, portanto, é uma questão para ser discutida nas associações científicas, nos fóruns, no sentido

de abrir um pouco e dizer “olha, não precisa ser tudo igual e, de preferência, que as formas variem, porque não temos muita certeza do que dá certo e o que não dá”. Temos que discutir isso entre nós, para que os avaliadores dos programas tenham uma abertura, porque não é o funcionário da CAPES... a Élide sabe, não é o funcionário da CAPES que diz que não está bem no modelo, são os nossos colegas que nos avaliam, são as comissões.

O grande conselho também é composto por nós, ele também é composto por gente da área. Temos que conversar, negociar, mas acho que tem um espaço para conversar sobre a diversidade, sobre a legitimidade da diversidade, porque não é uma coisa que um funcionário inventou e que tem que fazer.

Talvez a gente possa minimizar se debatermos com mais frequência nos fóruns onde participamos, nas associações científicas, alargando o espaço desta discussão.

Juarez Brandão: Gostaria colocar várias afirmações e poderia desenvolvê-las para esclarecer mais meu ponto de vista. Primeiro, já falei, mas quero repetir: há um espaço, não é total, mas há um espaço significativo dos problemas de teses e das perguntas de teses para respostas que necessitem de diálogo com várias disciplinas. Há este espaço.

O espaço para atender estas teses, estes propósitos de tese e desenvolvê-los em sistemas universitários de nível doutorado são muito poucos. O que estou salientando não é que o doutorado interdisciplinar seja melhor do que os outros, mas há uma experiência, há duas ou três experiências, Brasília também tem experiência semelhante, de doutorados que enfatizam a interdisciplinaridade. Este espaço não deve ser perdido, esta é a minha questão. Não que ele seja

melhor que os outros, que só haja perguntas de tese que vão nesta direção. A relação entre pessoas que querem desenvolver isso e lugares em que isso pode ser desenvolvido é uma relação desfavorável, ainda, para a interdisciplinaridade.

Ainda um reparo. Recentemente, tive uma experiência de participar durante três anos de um comitê nos EUA – Social Research Council – sobre estudos comparativos e o modo de formular-lhes. E era mais do que comparativo entre América Latina e outros. Era comparativo entre países, um espaço para 30, 40 teses de altíssimo nível. O Social Science Research Council é um dos lugares de mais prestígio, como vocês sabem, dentro do sistema americano.

Tive impressão que isto era possível fazer em departamentos universitários de altíssimo nível – Harvard, Berkeley, Colúmbia, etc. – que eram interdisciplinares, isso era possível se fazer lá. Aqui seria menos possível. A flexibilidade do sistema tradicional é maior, pelo menos nos EUA. É a conclusão a que eu chego. A procura desfavorável para desenvolver temas de tese que precisam de interdisciplinaridade, em relação aos lugares que enfatizam a disciplinaridade, podia ser amenizada, este desbalanço, com lugares mais flexíveis. No Brasil é muito mais inflexível.

Isto esclarece minha posição de porque sou tão favorável a manter o doutorado interdisciplinar. Apesar de não ter sido um dos criadores, tive uma experiência muito agradável e estou, e sempre estive, em ambientes interdisciplinares, sou extremamente favorável a fazer todo esforço para manter esta área. São muito poucos doutorados com esta característica.

Segundo lugar, neste contexto, a questão da relação entre mestrado e doutorado. Tenho impressão que de novo é a nossa rigidez. É

interessante que nas observações feitas por três dos professores experimentados aqui, não apareceu a hipótese, comuníssima, que é o sujeito fazer o mestrado numa instituição e fazer o doutorado em outra. Isso é comuníssimo. Ninguém precisa ficar muito preocupado em dar o lugar ao seu aluno. Se o aluno é muito bom, ele vai conseguir um lugar muito bom em outros lugares. Isso não é um problema realmente. É alguma coisa que pode ser resumida, de novo, com a flexibilização maior do nosso sistema.

Quanto à questão com as agenciadoras, realmente, não tenho experiência nenhuma para avaliar.

Roberto Cardoso de Oliveira: Farei comentários rápidos. Em primeiro lugar, sobre o fala da Maria Hermínia. Aliás, desde manhã parece que não concordamos muito sobre o problema das agências. Acho que a liberdade dos comitês é relativa, porque já tem o desenho lá dentro. Fui membro durante mais de dez anos da CAPES e do CNPq. Então, sabemos qual é a força. Até aí, acho que podemos, pelo diálogo, atuar ao nível da administração, mas acontece que quem está no Comitê fala de posição de poder e esse é um problema realmente sério, porque quem está no Comitê está por um período fugaz, mas, às vezes, as decisões que se tomam no Comitê não são tão fugazes assim, Hermínia.

Quem está no Comitê, como você Maria Hermínia já esteve ou está, eu já estive, outros estiveram, falamos sem querer numa posição de poder, e como nossa passagem é fugaz, depois vem outra, os substitutos, são sempre configurações novas e, muitas vezes, imprevisíveis e, às vezes, com conseqüências não muito agradáveis. Não podemos descartar esta instância de poder dos órgãos de governo, quer dizer,

eles não são neutros. Claro, sei que você sabe que não são também, mas nós não temos tanta força como gostaríamos de ter.

Poderíamos discutir muitas coisas aqui, mas algo me chama a atenção, e não foi discutido, é que na interdisciplinaridade temos a oportunidade de formar vários perfis profissionais, mais do que se pode ter nos doutorados disciplinares, mas isso depende muito, para ser um perfil consistente, da figura do orientador. A figura do orientador é uma figura crítica, porque nem sempre os orientadores funcionam. Na minha experiência de vários programas de pós-graduação, sempre havia algo como alguns orientadores funcionam muito bem e outros não funcionam.

Se conseguíssemos que os orientadores funcionassem e cuidassem do perfil de seu doutorando, este doutorando, mesmo ele tendo que ficar cingido aos currículos formalmente organizados em cada doutorado, estes currículos não enclausurariam muito, porque sempre há disciplinas optativas que o aluno pode fazer em outros departamentos. Então, se pode montar num programa de estrutura interdisciplinar, um doutor com uma boa formação, complementando a formação que os professores vinculados ao programa tem com a ajuda dos professores de fora. Isto nós já temos feito. Agora, estamos fazendo em Brasília e parece que está funcionando bem, porque ficamos em cima dos orientadores e os alunos ficam em cima dos orientadores também, porque a relação entre orientador e orientado é uma estrada de duas mãos, ele tem que ser atendido, e os alunos forçam a mão para serem atendidos, mas na base do diálogo.

Esta relação de diálogo me parece muito interessante e faz com que possamos compensar a formação no mestrado, que nem sempre é boa, infelizmente. Quando montamos o doutorado aqui, a idéia era de

que o mestrado fosse muito bom. Então se tinha o perfil básico montado: ou é sociólogo, ou é antropólogo ou é cientista político ou demógrafo, nós tínhamos demografia também. Depois, essa formação básica ia se complementando e se enriquecendo no diálogo interdisciplinar, entre outras disciplinas, e, por isso, abria horizontes para cada aluno. Este horizonte, só poderia apresentar bons resultados no seu exercício, em exercitar horizontes acadêmicos, por ocasião da tese, da pesquisa da tese.

Tenho impressão que é uma dinâmica interna ao programa que, se ela fosse realmente bem realizada, um doutorado como o que nós temos aqui, e falo nosso porque me sinto ainda muito ligado à UNICAMP, este doutorado tem tudo para continuar a dar certo.

O Hector falou um pouco sobre crise no doutorado. Acho que há crises benéficas, há críticas positivas, porque ela leva a uma reflexão do grupo que, evidentemente, está fazendo isso, um doutorado que tem dezessete anos, alguma coisa tem que mudar. Se estamos chamando isto de crise, não é uma crise na disciplina. A disciplina não está em crise. A organização talvez esteja, a organização do doutorado.

Esta organização pode ser pensada e repensada. Eu me mostrei pouco simpático à permanência das áreas temáticas, mas não quer dizer que, revendo os rumos que elas estão tomando, elas não possam permanecer, desde que elas não signifiquem um inchaço do programa. No momento, vejo que o programa é inchado... ao invés de crescer ele inchou com o número de alunos. Se vocês têm 200 alunos ao mesmo tempo, ora, não há doutorado que resista. Posso estar enganado! É o que chamo aqui de não crescimento e sim inchaço. Se puder se criar um sistema que não se inche, limitando a entrada de alunos... Por

exemplo, no CEPPAC, em Brasília, recebemos de dez a quinze alunos, porque não tem áreas, é só no programa, então não temos mais que isso.

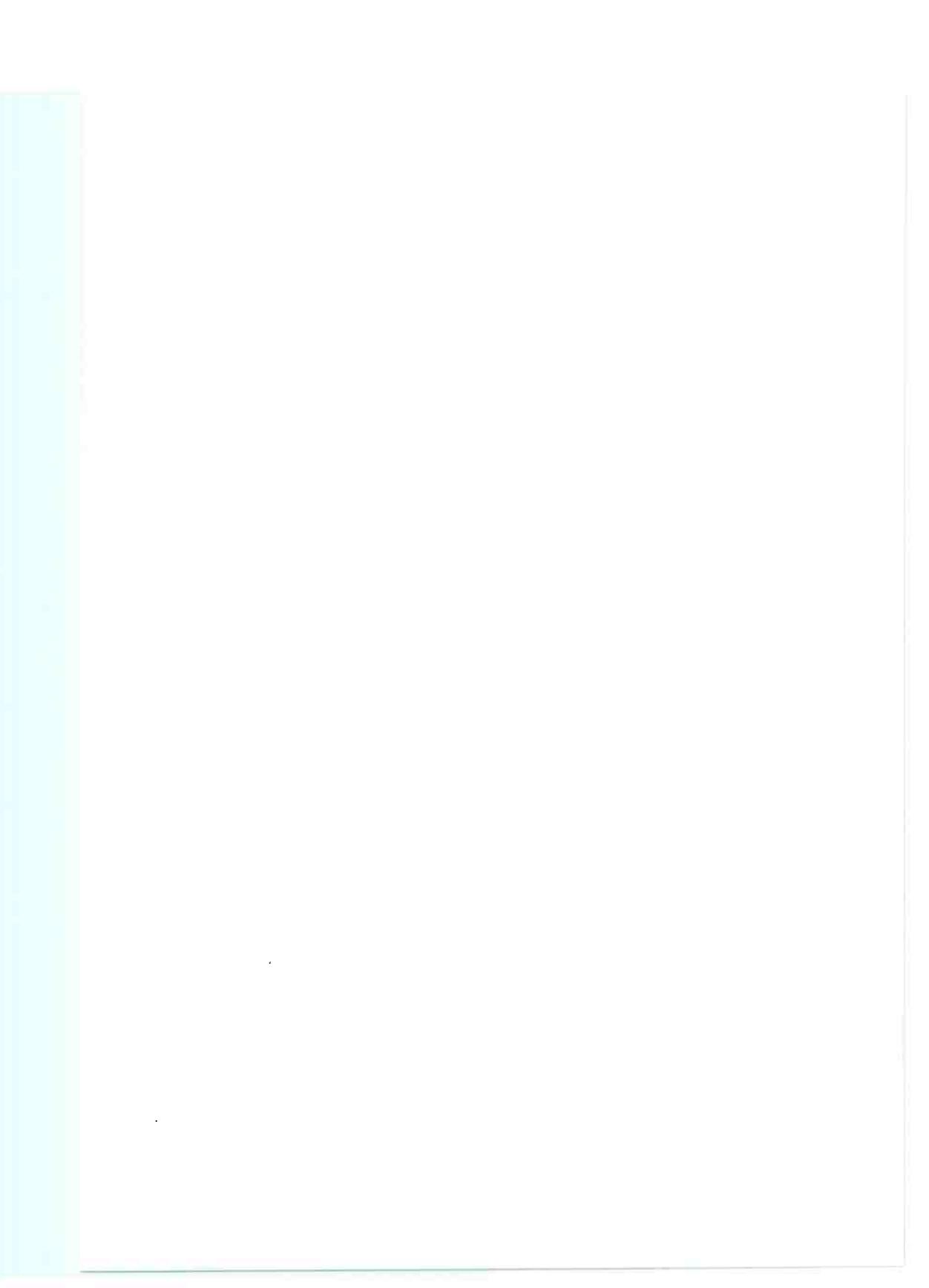
Tom Dwyer: Quantos professores vocês têm?

Roberto Cardoso de Oliveira: Nós temos 5 efetivos e usamos os dos Departamentos de Antropologia e Sociologia.

Tom Dwyer: Nós temos 55 no Programa.

Roberto Cardoso de Oliveira: Pois é, mas vocês acham que está bem estes 200 alunos? Me assusta um pouco. Desculpem, talvez eu esteja exagerando, mas tenho impressão de que 200 é muito. De qualquer maneira, vocês sabem como vocês vão trabalhar com esta quantidade de alunos. Mas, enfim, o mais importante não é isso. O mais importante é a estrutura realmente deste programa.

Tom Dwyer: Vou ter que encerrar a mesa. Agradeço muito a presença dos três, dois vieram de longe para estar conosco, o Juarez e o Roberto, a Maria Hermínia veio de mais perto, mas agradeço os três por terem dado uma ótima partida a nossa árdua tarefa de repensar nossas instituições de ensino e pesquisa. Muito obrigado.



NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____
We have received: _____

FALTA-NOS: _____
We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____
We are sending in exchange: _____

DATA: _____
Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**
Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”
Caixa Postal 6.110
13083-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: 0XX (19) 3788.1604 / 3788.1603
Telefax 0XX (19) 3788.1589
<http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>
pub_ifch@obelix.unicamp.br